



DANTZIC, VISTA DO RIO.

Na distancia de pouco mais de uma legua do mar Báltico na junção de dois rios com o Vistula erguem-se as torres e fortaleza da cidade de Dantzic na provincia que tem o mesmo nome e pertence á Prussia occidental. Está agradavelmente situada em bom territorio; ficam-lhe ao poente eminencias fortificadas; prados e outros campos fertes a cercam pelos lados de sueste e norte. Dista do Vistula perto de milha, e o Mottlau e o Radanne correm pelo meio della, dividindo-se o primeiro destes em dois braços que formam a ilha dos armazens, assim dita por ser occupada pelas tercenas, separadas assim do restante da cidade, nas quaes os mercados recolhem suas fazendas. Excluidos os suburbios toda a mais povoação é fechada com muralha e fosso: na parte chamada Rechstadt incluia-se o castello dos cavalleiros da Ordem theutonica, que por longo periodo estiveram de posse da cidade. Entrando os arrabaldes, Dantzic tem 5172 casas e 54:756 habitantes: nem é regular nem formosa, mas fazem bella vista os mastos e bandeiras, que sobrepuzam os telhados e as bocas das ruas que todas abrem para o Mottlau, o qual sempre está coberto de numerosos navios. Conta vinte e uma igrejas, quatro dellas catholico-romanas: a da invocação de St.^a Maria, a principal do culto lutherano, é notavel edificio construido em forma de cruz, começado em 1343 e concluido em 1401; o tecto descança em vinte e oito columnas, e na parte externa é ornado por dez torrinhas; contém um campanario mui alto, dezenove altares, e 3:722 janellas em todos os differentes corpos, que o compõem.

Dantzic é séde de uma administração provincial, e possui uma eschola de navegação, um gymnasio com sete professores, uma eschola d'artes, outra normal, e varias aulas e outros estabelecimentos d'instrucção, e algumas sociedades scientificas; a

MAIO 25 — 1844.

sua bibliotheca publica comprehende trinta mil volumes. Ha mais os asylos de orphãos e de expostos, quatro hospitaes, e a casa de correcção. Entre os diversos tribunaes ha o especial de commercio. Cultiva muitos ramos d'industria, porem afóra isto faz mui consideravel negocio com as provincias adjacentes e as praças estrangeiras, exportando principalmente trigo, madeiras, laãs, canhamo, potassa e pennas: entram no seu porto mais de seiscentos navios annualmente.

No presente seculo soffreu Dantzic dois cercos destruidores, o primeiro pelos francezes em 1807, o segundo [muito mais prolongado] em 1813 pelo exercito combinado dos russianos e prussianos. Em 3 de fevereiro de 1814 foi de novo reconhecido o rei da Prussia soberano de Dantzic, que ao presente é uma das melhores fortalezas e mais florecentes cidades dos seus dominios.

O CONDE SOBERANO DE CASTELLA, FERNÃO GONÇALVES.

912 — 970.

14.º

(Continuado de pag. 158.)

VOLTA para casa, Martinho, volta que a taberna da Vejarrua não te é proveitosa nem ao corpo nem á alma: e se tu desses menos entradas á negregada da velha, se lhe trancasses a tua porta para evitar aquelles segredinhos em que ella, ha tempos a esta parte, anda continuamente com a lavradora, outro gallo te cantára

Mas em quanto mossem Martinho ria como Epicuro, ou tinha pesadellos que o inquietavam; a pra-

2.ª SERIE — VOL. III.

tica festival ia tomando differente rumo, porque a tia Josefa havia já feito brinde ao conde, correspondido por todos os circumstantes, menos tres que não se achavam em estado de o entender; e a cêa entrava finalmente na fase politica, a que fôra destinada.

Devo informar o leitor que entre as 30 pessoas que eu disse estavam á meza, figuravam, alem das que já nomeei, mestre Romão, o barbeiro; mestre Crispim, o çapateiro; mossem Bertholdo, o anão do conde; mossem Sueyro Gaidiz, o notario nosso conhecido; Fr. Gerundio, frade do mosteiro de S. Lourenço; e mossem Cosme, o *numerario* da cidade, funcionario electivo, com attribuições de juiz de paz, e recebedor de impostos. E sem embargo de serem algumas sem duvida nenhuma personagens circumspectas, nas alturas a que o brodio tinha chegado, essas mesmas tinham já de todo despido a gravidade ou natural ou postiza, que até então haviam guardado; e apoz a explosão de louvores excitados pela saude ao cabeça do estado seguiu-se, como ao relampago segue o trovão, pela consequencia mais legitima do mundo, um chuveiro de injurias e pragas contra o calipha de Cordova.

— O cachorro, má dardos o passem! [Exclamou um].

— Que Satanaz lhe tisne os coiros na caldeira de Pedro Botelho! [Vociferava outro].

— Que o Senhor o possa alumiar com um raio da sua divina graça, afastando-o do caminho do peccado, e das trevas do falso Mafoma que lhe cegam o entendimento. [Disse com voz branda e meliflua Fr. Gerundio, frade do mosteiro de S. Lourenço].

— Que! [gritou mossem Sueyro, perdendo inteiramente a tramontana e deitando ao frade um lanço de olhos suspicaz, e indignado]. Que! Fr. Gerundio! pois vós ainda quereis interceder pelo desalmado que mandou assassinar os monges de S. Pedro de Arlança, pelo inimigo implacavel da nossa terra natal, pelo monstro que se não sacia de sangue christão! Se eu vos não conhecêra, Fr. Gerundio, crer-vos-ia tornadiço.

— Que! [gritou quasi ao mesmo tempo a velha com as cordoveas inchadas, e assanhada que parecia uma vibora]. Pois póde haver salvação para aquelle excommungado que tem deixado nesta cidade tanta mulher sem marido, e tanto filho sem pai! Se o inferno se não fez para estes taes, e para algum fradê renegado [acrescentou ella olhando para Fr. Gerundio] como aquelle que dizem serve de lingua e mandadeiro ao maldito moiro, então não sei para que sirva. Eu cá juro por esta que nos alumia que se chegasse a encontrar um diabo d'estes no céu — Deus me perdoe! — fazia vispere, e mudava-me logo para minha casa. Arredo! Maldito!

— Maldito! [exclamaram todos].

— Que pague anoveado todas as perdas que tem causado aos christãos [continuou mossem Sueyro.] Que no mais soffra a justissima pena de talião imposta pelo nosso sabio código. Que o decalvem; que o desorelhem; que o desnariguem; que o façam maneta; que seja estropeado de ambos os pés. Que o apedrejem; que o açoitem; que o apaleem; que o enforcuem; que o esfolem; e que da pelle lhe engenhem um tambor. . . . Ah! Já me ia esquecendo [acrescentou o notario que no excesso do seu zêlo queria que o calipha, ainda depois de morto, continuasse a ser atormentado] — e que no potro se

lhe rasguem as carnes com unhas de ferro. E que seja banhado em azeite e pez fervendo, e atanzado com faxas ardentes.» — Houve um palmejar quasi geral a estas ferozes imprecações do notario contra abd el Rahman. E como mostras taes e a catadura dos circumstantes denotavam que os animos ainda estavam azedos contra o frade; o Diogo que lá tinha suas razões que o moviam, ou por amigo do frade ou por outra causa, querendo temperar aquella acrimonia com alguma chufa, sem comtudo deixar de lisongear as paixões da assembléa, met-teu tambem a sua colherada:

— Esta-me a parecer que a lagartixa ainda mexe com o rabo.

— Hum! Qual lagartixa, homem? [lhe perguntou o notario].

— Ora! Que lagartixa ha-de ser? A lagartixa de Cordova.

— Ora ahi o temos com as suas batatas! [lhe atalhou a velha]. Se vindes com indulgencias, já é tarde; depois do asno morto cevada ao rabo. E se é com rigores, guardai as vossas roncças para melhor occasião; e não vos façaes farçola com defunctos.

— Com defunctos!

— Mossem Diogo, perdoai-me se vos observo que a tia Josefa falla como mulher de conta, e boa christã que é [disse Fr. Gerundio, cubrindo-se habilmente com a rodella da velha, e aproveitando a conjunctura de justificar-se, sem retractação, das suspeitas em que, havia pouco, tinha incorrido]. A caridade evangelica manda-nos respeitar as cinzas dos mortos, ainda que elles sejam os mais acerrimos inimigos do nosso Salvador.

— Mortos! [retrucou o Diogo com um sorriso ironico].

— Desembuxai, desembuxai por uma vez, mossem Diogo [lhe replicou o notario].

— Pois lá vai contra o tal perro abd el Rahman por minha conta e risco. — Que beba todos os dias tanto vinagre como como [e aqui o bêteiro entrou a olhar para mossem Martinho a ver se elle toscanejava ou estava dormindo devéras, porque o lavrador não era para graças].

— Como que, homem? [instou o notario]. Arrebeçai por uma vez.

— Como o honrado lavrador, que aqui está roncando ao pé de nós, bebe de vinho todos os mezes.

— Valeu! [Exclamaram todos com grande algazara]. E estaveis lá calado com essa!

— Que engula [proseguiu mossem Diogo] a melhor ameixa da ameixoeira de mossem Graviel.

— Qual ameixa, homem?

— Ora! Que ameixa ha de ser? O badallo do sino meão. [Uma espantosa gargalhada festejou esta pilheria do bêteiro].

— Que lhe roce as barbas [continuou este] aquelle verdugo velho com que mestre Romão escanhoa os seus freguezes. [aqui alguns dos circumstantes sorrindo, levaram as mãos ás barbas como para testeficar, de experiencia propria, quanto era terrivel o castigo dos infelizes que expiavam os seus peccados nas mãos do nosso insigne doutor.

— Que o nariz se lhe faça tamanho como a cachola de mossem Bertholdo.» — Safa, safa com a lingua do tal zombador maligno! [disse o anão no meio dos apupos d'aquella alcateya].

— Que a razão que lhe derem peze tanto como os miolos de mossem Graviel.

— Ou como as algibeiras de mossem Diogo a maior parte do anno [acrescentou a velha em voz baixa].

— Que os calcanhares [disse mestre Crispim, animando-se a metter o seu dois de oiros, por ver que se ia secando a proza ao bésteiro] — que os calcanhares me sirvam de tacões para engenhar umas botinas, e a pelle, de bezerro para entrar a minha sovella.

— Se o tambor que d'ella ha-de fazer mossem Sueyro [retrucou o bésteiro] não for algum zabumba tão desmarcado que não reste córte de cabedal para uso de um honrado remendão.»

A este tempo o gallo da capoeira da tia Josefa batteu as azas e cantou; e o frade disse:

— Cuidei que não era tão tarde. Pesa-me deixar tão jovial sociedade; mas são horas de recolher-me ao meu convento. Se ha alguém da companhia que tambem queira sahir, poderemos ir juntos, que eu receio ir sosinho a estas horas, porque anda por ahí basta ladroage.

— Acompanhar-vos-hei eu [disse mossem Diogo].

— Fazeis-me muito favor [lhe tornou o frade].

— E levaes comvosco um homem capaz de fazer rosto a uma duzia [acudiu a velha com o seu sorriso ironico].

— A conta [tornou o frade].» A velha foi buscar giz. E assim como a creada de servir que sem saber escrever assenta no rol da roupa as meias, as anaguas, as camizas da senhora, os cuciros do menino, o babador da menina, e entende tão bem aquelles jeroglyphicos, que se a lavadeira na volta lhe traz de menos um esfregão da cosinha, se arma alli logo uma rixa entre as duas, não apasiguada até que a saloya dê para alli conta da peça que falta; — assim a tia Josefa, mesmo sobre as taboas da meza, riscando umas nigromancias, que toda a sciencia paleographica não bastaria a decifrar, nem por isso ommittiu o mais miudo silique; e feita uma conta de sommar em que nada teriam que esgaravatar, se lhe podessem tirar a prova, os mais auctorizados professores das quatro especies, disse para o frade quanto montava o escote d'elle.

— E o meu? [perguntou o Diogo].

— O vosso? Essa é boa! Se quereis pagar, a pergunta é escusada, porque aqui todos pagam o mesmo, excepto excepto talvez o honrado lavrador que alli está a resonar, mossem Martinho, que bebendo por doze, não é justo que pague por um. O que não será esta noite, porque eu já disse que não levava nada pelo vinho.»

Pagaram e sahiram com effeito os dois, e a velha estendendo os olhos para os que ficavam, como quem queria affirmar-se se eram todos pessoas de confiança, disse:

— Ora Deus leve aquellas duas creaturas para onde não façam perda nem ganho. O Diogo esse é um valdevinos, mas o frade é sonso Não digo mais nada. Vamos ao que serve. Em que termos vai aquelle bico de obra que ajustámos o mez passado, mestre Romão?

— Às mil maravilhas, tia Josefa. Pela rua de S. Martinho respondo eu, e por alguns frequezas que tenho de outras ruas, vielas, e becos do burgo. Ao primeiro signal aclamarão todos voz em grita por soberano e unico senhor de Castella quem o deve ser.

— E vós lá que dizeis, compadre Crispim? [perguntou a velha ao çapateiro].

— Que o calçado está prompto, e não falta senão mettê-lo nos pés. Cá pelos do meu officio não ha que

perguntar. E dos outros — estive hontem á noite com os capatazes de quasi todos; fallámos; e em chegando a tocar no ponto, não houve um só — honrada gente, honrada gente, tia Josefa! — que me não apertasse a mão, e me não dissesse: ó mestre Crispim, contai comnosco!

— Em Burgos [disse o notario] não ha servo nem liberto seja da classe dos vis ou dos idoneos, não ha vassallo ou bucellario, não ha servo fiscal, nem homem livre (*) que não suspire pelo dia em que ha-de ver a sua terra e os seus irmãos emancipados do jugo de Leão [um estremecimento de entusiasmo vibrou nos circumstantes: e o notario proseguiu] e o principe, o senhor natural de Castella sentado n'um throno independente. Ha aqui alguém que o duvide? [não! não! responderam todos]. Dos que meneam uma lança [pêsa-me que não esteja aqui nenhum cavalleiro para confirmar o meu dicto], dos que cingem uma espada, dos que armam uma besta, ou levam uma simples chuça qual é aquelle que não abriga no peito estes sentimentos, e não fórma os mesmos ardentes votos que formámos todos nós? [Todos! todos! exclamaram alguns bésteiros que estavam presentes]. Da nobreza, só algum d'esses condes, que em sua louca vaidade se reputam iguaes do neto de tantos reis, e descendente do fundador d'esta cidade de Burgos, desejará que Castella pague feudo a Ramiro; porque de todas as classes de homens nobres, e filhos d'algo, sobre tudo dos gardingos juro que não ha um só que não se ufanasse de ver a corôa sobre a cabeça, e o manto regio sobre os hombros do mui excellent conde, e invicto capitão Fernão Gonçalves. Do reverendo bispo e abbades fôra injuria duvidar; e bem assim dos monges, e clero. — Clero superior e inferior — eu não faço distincção — e tenho que ha no ostiario que abre e fecha as portas do templo, no acolyto que accende as alampadas, no exorcista, no psalmista, e no leitor, e emfim no sub-diácono que pega no calix e na patena — tenho que ha n'elles tanta lealdade, e devoção ao seu soberano legitimo como nas primeiras dignidades e jerarchias da Igreja. Só exceptuo algum frade — mui raro — da laia d'esse que d'aqui sabiu agora. Eu poderia, quando elle se achava presente, ter dito alguma cousa que sei ácerca do tal marmello; mas callei-me, porque se fallasse receiava que aqui mesmo o espatifassem; e a caridade christã e minha natural aversão a revoltas e violencias me embargou a lingua

(Continúa.)

A. d'O. Marreca.

RIO DE JANEIRO (1).

4.º

QUANDO em 1840 a redacção deste jornal resolveu publicar algumas descripções sobre a capital brazyliense, de que nos encarregámos, achava-se a respeito della tão mal provida de boas estampas, que teve para o 1.º artigo de valer-se da copia de uma da obra de F. Denis, que na verdade appresenta

(*) Seria offensa á profunda jurisprudencia de mossem Sueyro o advertir, sequer, os nossos leitores de que um homem tão douto, na enumeração das differentes classes se regula strictamente pelo codigo visigothico, e disposições dos Concilios.

(1) Vejs. os numeros 159, 162 e 170 da 1.ª Serie.

alguns objectos em confusão : para o segundo artigo aproveitou-se de um desenho gravado em França, em que a bella igreja da Gloria, com o seu pequeno porto, sahio vista pelo avesso ou invertida, como se fosse desenhada do seu reflexo em um espelho : a terceira estampa, cujo artigo acabou em nossa ausencia um collaborador e amigo, apesar do desenho ser tóso e os longes inexactos e menos bem executados, é com tudo das tres a que mais exactidão appresenta. A vista do que procurou a direcção da Empreza obter melhores desenhos

dessa cidade, os quaes só agora acabam de chegar e comprehendem entre outras a bella collecção de doze grandes estampas feitas pelo Sr. Schütz, e publicadas em excellente lythographia pelos Srs. E. e H. Laemmert sob o titulo de *Album Pittoresco do Rio de Janeiro &c.* Em quanto porem não tinham estas vindo, gravaram-se á vista de algumas vinhetas de uma folhinha do Sr. João Diogo Sturz outras, que ainda que pouco vistosas e em ponto muito pequeno, tem todavia sufficiente exactidão. É uma dellas a que appresentámos tirada quasi da mesma



posição que a primeira, com a differença de se ter collocado o desenhador mais inferiormente e para a parte do mar, mais perto da igreja da Lapa e do Passeio público, cujo arvoredado se vê avultar no meio da estampa. Consta este pela maior parte de copadas nogueiras da India, cujas nozes mui oleosas tem propriedades purgativas; de casuarinas da Nova Hollanda, altas e pontegudas como os cypresses, as quaes começam a crescer em Lisboa depois que fomos portadores das suas primeiras sementes; de umbrosas e folhadas mangueiras, com flores amarelladas, e cujos pomos succosos de casca therebintinaacea amadurecem nos mezes mais calmosos; de genipapeiros, de folhas luzidias, alvas flores, e fructos do feitio de romaãs com pevides chatas e polpa branca, doce e adstringente, de que os indigenas tiravam a tinta preta com que listravam a pelle; e de paineiras, especie de *bombax pentandrum* de tronco barrigudo e espinhoso, que se orna com lindas flores cor de roza e dá uns capulhos ou ouriços de finissimo algodão parecido com a sumaúma. (2) Alem destas conservámos viva lembrança de um tamarinheiro á entrada, uma palmeira carnaúba, ou arvore da cêra de que ha em abundancia nos certões arentos do Ceará e Pernambuco, de uma arvore do pão, de varios cafezeiros [que tanto realçam mostrando no mesmo tronco bardas de flores brancas ao pé de outras de frutinhas vermelhas], de anduzeiros de flores amarellas e eliotropicas, de rozas da china e outras flores, alem d'um rico viveiro de plantas novas, em que tem posto todo o esmero o Sr. Riedel, a quem a botanica brazileira tanto deve, e que se encarregára dessa direcção. O Passeio do Rio tem so-

(2) Vej. o numero 58 do anno passado pag. 40.

bre os dois de Lisboa a superioridade de ser á borda do mar, cujas ondas vinham até de tal modo bater no pé da sua muralha, que foi preciso para a poupar fazer com que primeiro se quebrassem em grandes pedregulhos de granito que se pozeram diante. Esta muralha é superiormente coroada de um terrado ou varanda donde se goza a vista do porto até á barra, e esta vista animada das entradas e sahidas dos navios em uma praça de tanto movimento de commercio, e n'uma situação onde a briza e o terral sopram livremente não póde apesar de pequeno achar paralelo nem nos mais elegantes *boulevards* de Paris, nem nos mais frequentados parques de Londres, se bem que este Passeio publico na primeira cidade da America meridional seja proporcionalmente pouco frequentado, sendo a elle preferidas outras distracções, ou ainda como passeios, alem dos caes do Terreiro do Paço, as cavalgadas ao Corcovado e Jardim da Lagoa de Freitas, as idas no vapor á outra banda, ilha de Paquetá, e caminhadas ao aqueducto. Aos lados daquella varanda não ha já os dois edificios com pinturas, nem por baixo e ao pé da cascata dos jacarés de bronze existem tão pouco o genio com a epigrapha, nem o mais de que fallámos no fim do segundo artigo [T. IV, pag. 178]. A agua chega a essa cascata por canos subterraneos do proximo chafariz das Marrecas, que a recebe da abastada mãi d'agua da famosa Carioca, que emprestou o nome para a alcunha dos que a libaram com o leite, — dos nascidos (3) na propria capital, — assim co-

(3) *Fluminenses* é o qualificativo provincial com que neste seculo se começaram a apellidar os filhos da cidade e provincia do Rio de Janeiro. Melhor idéa foi do que o inventar *Riano* ou *Rio-Janeirense*. Entretanto advertiremos que o

mo, no seu diminutivo, a alface de que tanto uso fazem os lisboetas nos seus manjares fornecer o epitheto com que os apelidam os filhos das outras terras. E a agua da Carioca é com effeito a que mais abastece a capital braziliense: é vendida pelas ruas em pipas levadas em carros, ou ainda á maneira antiga em barris, conduzidos verticalmente na cabeça abertos no tampo de cima, em que apenas boia um pedaço de taboa para amparar a agua a que não salte fóra chocalhando: não se usa por lá da maneira dos aguadeiros de Lisboa de levarem agua ás costas em barris de dois fundos, com aza, botoque e *suspiro* (4).

Quasi defronte do Passeio publico vê-se no meio da bahia a ilha e fortaleza de Villagalhão [preferindo este nome, que já o nosso povo adoeu ao seu modo, ao original estrangeiro *Villegaignon*, donde lhe veio a etymologia], da qual vem os escaleres de visita aos navios, que entram ou sahem a barra, que appareceria ahí bem perto [guardada pela sua sentinella natural — o conhecido Pão d'assucar] se o angulo optico tivesse permitido estender a estampa um pouco mais para a direita. — Para dentro onde se veem representados uns navios fica o ancoradouro dos vasos de guerra, que os mercantes vão lá fundear ao pé da alfandega, ou detraz da ilha das Cobras encuberta com o morro do castello que se vê á esquerda tendo no alto as duas torres da igreja de S. Sebastião [primeira freguezia e cathedral, jazigo do heroe vencedor Estacio de Sá], e a de Santa Luzia no sobpé junto do mar. É da banda de lá desse morro, que como dissemos no art.º 1.º tem havido projectos de arrazar, que fica a parte principal da capital, a qual parte se póde até certo ponto comparar á cidade nova de Lisboa — por ter como esta em um chão igual, outr'ora humido, traçadas as ruas em esquadria com passeios aos lados, ainda que sejam ellas mais estreitas e os quarteirões não iguaes nem grandiosos: uma particularidade ha porem que não deve esquecer a respeito das casas do Rio, em que ha differença das de Lisboa; é a numeração das portas, que nesta cidade é seguida por um lado e contra-marcha no fim da rua, quando na capital do imperio vão á franceza os n.ºs pares seguindo por um lado e os impares por outro. A illuminação da cidade tem tambem muita similhança com a que se

chamarem-se hoje habitantes de um rio [flumen], quando já se verificou o que não sabiam os antigos, e é que a bahia de Nicteroy não é um rio, é mais censuravel ainda do que a imposição primitiva do nome *Rio* de Janeiro ao que não era tal rio. Porque motivo não adoptaremos antes os adjectivos *nicteroiense* ou *ganabareense*, applicando-os por ampliação igualmente á provincia toda, como se fez do Rio [flumen], tomando o todo pela parte? — Ou melhor, porque não aproveitaremos destas difficuldades de impropriedade do nome *fluminense* para levar a serio o que hoje se diz por graça, para adoptar o epitheto de *carioca*? Não houve alcunha ainda mesmo ridicula ás vezes em familia que não passasse a ter consideração logo que se capitula com o publico e se blazona com isso mesmo com que se queria graçar.

(4) *Suspiro*. Este nome applicado a um barril tem uma significação mui conhecida, mas aqui a daremos já que escapou aos lexicographos, — que só occupados dos suspiros d'alma e coração se esqueceram deste tão material. E' um orificio ao pé do botoque, que ao sahir do liquido alimenta ar ao barril interiormente para aquelle correr mais e sem o gró-gró, que fazem as garrafas, como tão elegantemente se lembra o bom poeta Garção: —

Deitae, deitae,
Gró, gró, tá, tá,
Que cheio está.

usa em Lisboa. Tem muitas lojas bem providas e arranjadas, como a dos ourives, da Quitanda, e sobre todas a do Ouvidor, com muitas modistas francezas, que sobre tudo de noite quando é mais frequentada de freguezas é que a illuminação lhe dá muito realce, e appresenta bellas illusões. Ha no municipio do Rio, segundo a estatistica mais recente, perto de 4800 casas de negocio e officinas, sendo deste numero umas 2453 de propriedade nacional, 1453 de portugueza, 328 de franceza, 96 de ingleza, 90 de hespanhola, 71 allemaã, e o resto de americanos, dinamarquezes &c.

Aquem do morro e no fim do Passeio descobre-se na estampa uma correnteza de janellas em um grande edificio. É o dormitorio principal [por concluir] do convento da Ajuda, de freiras claristas, no qual jaz depositada a imperatriz Leopoldina, mãe dos dois Soberanos irmãos do Brazil e Portugal, — e cujo local mais de uma vez tem sido lembrado para a fundação de um novo Paço imperial, pois que delle n'uma situação plana se desfructa o mar até fóra da barra. Ignoramos que probabilidade de realisação tenha esta lembrança, mas somos inclinados a crer que se acha de todo abandonada, pois seguramente em uma cidade que tem tão bellas elevações que se deixam ver da terra e do mar como os altos da Gloria, e de Santo Antonio, S. Bento e S. Diogo &c., e a propria ilha das Cobras, que se poderia fazer communicar com uma ponte, em que tão bem se poderia fazer campear um monumento de architectura original, não é crível que o architecto tivesse o máu gosto de sepultar á nascença a sua obra, nem que as camaras a votassem, principalmente antes de se ter resolvido a importante questão, que talvez affecte interesses vitaes da perpetua integridade e independencia brazileira e desenvolvimento de seus interesses materiaes e melhoramento das estradas — a da collocação da sua capital, que muitos desde José Bonifacio assentam que deve ser no interior para Minas, com o que o Rio de Janeiro só ganharia, pois continuando a ficar com o mesmo porto para monopolisar o commercio externo lucrava com o acabamento do municipio neutro, diminuiam os impostos, e muitos redditos voltavam a ter applicação ao desenvolvimento da provincia. A actual situação da capital foi filha de circumstancias, que com o tempo poderão ser equilibradas ou vencidas por outras mais poderosas. Talvez ainda tenha antes de se fixar de passar por ensaios, como muitas das côrtes europeas. Mas estas conveniencias só o tempo e a discussão, sem espirito de interesses particulares, poderão elucidar, e por isso, como dissemos, é natural que por ora só se trate de finalizar o palacete de S. Christovão, fóra da cidade, de que brevemente daremos noticia e estampa. Do supramencionado convento da Ajuda daremos porem uma noticia historica, aproveitando-nos para isso do que encontramos no inexgotavel thesouro de monsenhor Pizarro [T. 7.º c. 18]. Sabe-se que fóra o seu principio uma simples ermãda pelos fins do seculo 16.º, edificada na rua dos Barbonios onde hoje faz canto a cerca das freiras, e tambem se diz que em 1607 já ahí foi interinamente residencia dos primeiros capuchos de St.º Antonio. — Conta-se que entre os devotos havia muitos christãos novos, a quem levantaram, talvez falsamente e só para os perseguir, que eram suas supplicas dirigidas a uma tal Maria de Judá: o certo é que a inquisição com este ou algum outro funda-

mento atormentou de tal modo a raça israelita no Rio de Janeiro que passando de duzentos [metade colonos e outra metade filhos já do Brazil, proximamente] os que no primeiro meio seculo de setecentos vieram a Lisboa aos carcerees, foi o Rio de Janeiro quem forneceu o maior numero, passante de quarenta d'ambos os sexos, em que entrou, ainda mal para as lettras, o joven A. dramatico Antonio José, que subiu á fogueira em 1739 deixando ao desamparo nos carcerees sua pobre mãe viuva sexagenaria! Mas voltando á ermida da Ajuda, consta que depois da sabida dos mencionados capuchos, se tratou de novo por meio de esmolos de preparar ahi um recolhimento, onde se encerraram com effeito em 1678 algumas senhoras desejosas de viver recatadas, e que se ficaram chamando *Conversas*, em cujo numero entrou a viuva e filhas do capitão-mór Barbalho Bezerra. Em 1704 com voto da camara e approvação do bispo, supplicada ao principe D. Pedro a erecção do convento, baixou a provisão de 19 de fevereiro de 1705 que permittiu que se concedesse o ingresso a cinquenta freiras, em cujo numero poderiam entrar as *Conversas*. Varios obstaculos se oppozeram á sua continuação, por modo que em 1745 nada, ou quasi nada havendo feito se procedeu de novo á edificação no lugar em que actualmente se acha; e correu ella desta vez tão bem que dentro em cinco annos impetrado o breve pontificio de 24 de janeiro de 1748, se receberam as primeiras noviças que professaram em maio de 1751. Não passam uma vida muito apertada, bastando-lhe para terem refrigerio assaz a excellente cerca em que podem passear dentro de altos muros sem ser vistas de fóra.

Das mais casas que na estampa se veem a áquem, do lado esquerdo, quasi fronteiras ao meio do Passeio, é uma dellas a das Secretarias d'Estado dos Negocios Estrangeiros e Justiça, e a outra a da Assembleia dos Estrangeiros. — Á direita vê-se o extincto Seminario da Lapa para onde em 1811 vieram os frades do Carmo, que com a chegada da familia real foram mandados sahir do seu convento, que se annexou ao Paço, destinando-se delle algumas casas para a Bibliotheca publica, a respeito da qual publicaremos em separado um erudito artigo do nosso consocio e patricio amigo, decano da litteratura brazileira o Sr. conego Januario da Cunha Barboza.

Em frente da Lapa passa a rua que vai ter á Gloria, Catete, Botafogo &c. Lá ao longe veem-se os morros da outra banda, em que fica situada a cidade de Nicteroy, Saco da Jurujuba &c.

V.

ROMANCE.

D. LEUCADIA SANCHA DE ATAHIDE.

CANTO 3.º

I.

(Continuado de pag. 155.)

HOMEM! que mixto incomprehensivel e contradictorio és tu!

Essa dubia luz de vida, porque a vives tão mesclada de virtudes e vicios, de obstinações e inconsistancias, de meiguices e cruezas, de nobres faça-

nhas e defeitos vis? — Homem, quem mais bondadoso e mais providente poderá ser para ti do que foi o Creador? — Cerca-te o areal infindo, e arido, e torrado do ermo: e eis ahi te surge debaixo das plantas um mimoso, e enfeitado oasis de verdura, e fresquidão. — Espinhos, e abrolhos se te alevantam pelo caminho da existencia: e lá na mor fadiga da aspera vereda te apparece de subito aprazivel éden mimoso de jasmims, e de rosas, e de lyrios. — Rodeia-te em tenebrosa noite a escuridão da procella: porem lá vem raiando manso e manso atravez das sombras o rôxo clarão da aurora, como um luzeiro dos anjos.

E que som póde ahi haver na terra, que exprima esse oasis, essa flor, essa aurora da vida?

Homem, a tua linguagem mundana era aspera, e rude. E misturou-lhe Deus uma palavra, que adoça, e amenisa todas essas cruezas de sons, — uma palavra, que resume, e significa esse oasis aprazivel do deserto, essas rozas do prado, esses lyrios do valle, esses jasmims fragantes dos outeiros, e essa aurora do céu; — uma palavra, que vale o balsamo das flores, o frescor da fonte, a doçura do mel, o cantico dos cherubins, o fulgor das espheras; — uma palavra, que encerra todo o mysterio, e toda a lei da vida humana; — que os anjos pronunciaram, e sentiram antes que os homens a comprehendessem; — e que, primeiro som, primeiro echo, primeiro signal de vida da criação, sahiu do labio do Eterno, em um mandamento de paz: — amor. —

E o homem collocou d'um lado essa palavra celestial, em que Deus havia resumido o seu preceito de felicidade; collocou de outro lado o alvedrio poderoso de sua vontade de ferro; — e inventou outra palavra que o Creador não havia pronunciado, que ninguem havia inda comprehendido: — odio. —

E não podendo com este invento matar a feitura do céu, illudir esse preceito da vida humana, — o amor, — o amor, que transluz radioso, e triumphante, domando com brandas meiguices os odios da vida, — cerrou então os olhos, forrou o coração com laminas de bronze, e inventou uma terceira palavra infernal, e cabalistica: — indifferença. —

E com essa palavra destruiu todo o prazer, toda a ventura da terra.

E a vida ficou um complexo dubio, e arrefecido de amor, odio, e indifferença.

Homem, que mixto incomprehensivel, e contradictorio és tu!

E a mulher nasceu para amar, só para amar. Ou suas caricias embalem a vida no berço da infancia, no thalamo nupcial, ou no leito da morte, todas as suas acções, todos os seus desejos estão resumidos no amor; no amor, que é o sonho doirado de sua juventude, o frenesi deleitoso de sua vida, o saudosissimo enlevo de sua velhice; — no amor, que adoça e ameniza os seus corações, que faz resplandecer a sua requebrada e voluptuosa galanteria, que realça cada um dos seus mimosos attractivos, que affasta para longe de sua alma angelica e sensivel essa torrente de pensamentos máus, que assaltam o espirito arrebatado e inconstante do homem; — no amor, que se por acaso não encontrou um dia correspondencia em seus ternissimos corações, em vez do sorrir despresador, rude, e orgulhoso do homem, lá se lhe deparam nos labios tão candidos da mulher palavras consoladoras de paz, de carinho e de piedade bondadosa. — Deus! para que lhe déste o condão da fraqueza?!

E o homem é todo imperio, soberba, e força; e se approve á sua vontade de ferro imprimir no mais acrisolado amor o ferrete da indiferença, espesinhados feneçam embora vinte corações angelicos, o seu alvedrio ha-de cumprir-se. — Deus! para que lhe déste o condão do poder?!

Homem, que mixto incomprehensivel, e contradictorio és tu!

II.

Era uma noite d'estio. O silencio estendia o seu manto mysterioso por cima da capital do Tejo. A lua resplandecia em seu pleno disco de prata, pairando magestosa sobre os plainos infindos da opposta margem. Um reflexo adamantino se precipitava na bacia immensa das aguas bonançosas e lizas, cortando-as como uma torrente de luz, e vinha expirar ao réz do caes. Um luar melancholico, e argenteo inundava a cidade, insinuava-se contrafeito pelas apertadas ruas tortuosas, e derramava-se desafrontado pelas praças desertas, e pelos atrios soberbos dos palacios. Esses enxames de homens e mulheres, de populares e nobres, de moços e velhos, que cobriam o caes da Ribeira ao pegar da noite, descendensavam-se pouco e pouco, sumindo-se silenciosos ao longo das ruas. Alguns vultos mais vagarosos, mais pesados, porventura mais tristes, que se quedaram immoveis a attentar no clarão da lua, e na formosura da noite, mirravam-se um a um pelas esguelhadas esquinas. Era deshoras. As luzes que bruxuleavam por entre as vidraças, e rotulas variegadas dos Paços grandiosos da Ribeira, uma a uma se foram tambem apagando. Na mudez silenciosa, nem um movimento, nem um som, que revelasse uma vida no meio de tantos milhares d'ellas. A rainha do oceano dormia voluptuosamente recostada á beira das aguas submissas; e as ondas socegadas vinham ante pé uma a uma afagar-lhe brandamente as plantas, com um osculo sonoro e saudosissimo.

E somente uns ouvidos escutavam esse osculo. E somente uns olhos contemplavam esse quadro formoso de tristezas. E somente um pensamento velava com vida no meio de tantos pensamentos adormecidos.

Era ella; — ella para quem os dias não tinham luz, nem sombras a noute, nem harmonias os sons, nem vida a criação; mas só saudades, e profundissimas saudades o seu intimo pensar. — Dois annos d'ausencia não haviam delido uma lembrança, uma só, das mil, que compendiavam no seu coração o retrato d'elle; — só d'elle, que o enchia todo, e não deixava lá dentro logar para outra idéa.

A donzela estava assentada a uma das janellas do paço no seu aposentamento, e tinha os olhos pregados na lua. Havia um presentimento n'aquelle olhar. Quem sabe se áquellas horas apoz recontro de sangue e matança, estaria D. Jaime a repousar-se das fadigas da batalha, assentado em sua tenda, com os olhos fitos tambem no astro das saudades! E a misera afincava a sua vista tão sófrega na lua, como se tivera zelos d'ella, e quizera despegar-lhe, e embebê-la toda para si aquella suposta olhadura do guerreiro. Até que ao cabo de alguns instantes uma nuvem negra passou por diante do planeta; e os olhos da dama quedaram-se sem a luz, como tomados de um pensamento de morte.

E veio-lhe ao coração um tal apêrto de dor, que cerrou subito a janella, e correu a debruçar-se no leito, onde uma torrente de lagrimas em fio a su-

ocou por tal arte, que alli permaneceu até a madrugada.

III.

Que tintilar é esse tão folgado dos sinos de S. Jeronymo? E logo os da cathedral como em dia de festa. — E logo os do carrilhão inquisitorial de S. Domingos. E logo os das 100 torres e campanarios de Lisboa, tão festivaes e alegres como á hora das *alleluias*. E um tiro de canhão nas fortalezas da Barra, mais outro na Torre-velha, mais tres em Belem, mais vinte no Castello. E atabales e trompas sobre o caes da Ribeira, e o povo a bradar em tórno aos paços! Real! Real! pelo Senhor D. João de Portugal!

E logo a porta do aposentamento de D. Leucadia aberta de par em par; e uma dama do paço a bradar-lhe junto ao leito: «que somno é esse que hi dormes em dia de tantas galas, minha prima tão presada! Não ouves que chegam as náus da India?»

IV.

E logo houve um real beijamão, onde os cavalleiros da India foram por elrei recebidos no meio da sua côrte, e onde D. Jaime de Menezes apresentou a sua nova esposa.

E ninguem faltou ao beijamão afóra D. Leucadia, que desde este dia desapareceu dos paços; e ninguem mais soube d'ella.

CANTO 4.º

I.

Que luzido refestêlo é esse, que se ahi prepara em Setubal, nos ricos paços gothicos de Bomfim? — «Chegado é nosso amo de longes terras a Lisboa «com formosa dama e senhora ao lado, que por lá «mereceu á força de bons talhos d'espadaõ, e bas-«to dispendio de sangue; chegado é a Lisboa; e «n'um dia de jornada o teremos aqui, a passar tran-«quillo o resto do viver, em folgado, e repousado «tracto, nos senhorios grandiosos de seus antepas-«sados:» diziam os escudeiros, sollicitos em dar-se pressa, e pôr em bom recato, e aceio todos aquelles velhos adornos do palacio deshabitado.

E o mordomo todo azafamado ia, e vinha repetidas vezes, vigiando desvelado aquelle trabalhar de tanta gente, e lá rosnava mui de manso para os seus botões: — «Bofé! que certo não é cousa de pouca monta o que faz mudar meu amo para Setubal, deixando a gentil Lisboa, que desde moço tanto amára, e trocando as louçanias dos seus ricos paços da côrte pelas grosserias campestres destes muros derrocados.» — Até que se trabucou rijo na porta; — e o mordomo correu escontra ella a saber quem era.

«Cujo escravo és? e quem procuras?» diz o mordomo, encarando com um negro de baixa estatura, e pouca idade, que inclinando-se cortezmente lhe replica: «Fórro sou, senhor, e quero voluntario «assoldadar-me por pagem. Sei os usos da côrte, a «as etiquetas dos paços, e se fór do vosso agrado, «certo que folgára de servir vossa ama nova.» — «Entraí, que em boa hora viades; carecemos mais «que muito de bons servidores; mesquinhos são qua-«zi todos os da terra, e pouco affeitos a galhardias, «e ademanes cortezes. Boa hora viades.»

II.

E o pagem negro trazia um bandolim; — e mal o mordomo havia terminado de fallar, entrou porta dentro, endereçou-se para o balcão maior do palacio, e travando do instrumento sonoro, começou de cantar.

E a ponto foi, que ia entrando a luzida cavalgada do castelão, que enfia, grave, e magestosa o arco maior do aqueducto, e atravessando o immenso campo de Bomfim, se dirige para os paços, descrevendo uma engraçada curva, para passar junto ao mosteiro de Jesus, cujos sinos repicam alegremente, e ante cujo portico, de architectura gothica formosissima, se descobre cada um dos da comitiva, lançando a furto uma olhadura por entre os elegantes florões de vidro das janellas, a espreitar os enroscados pilares gigantes de marmore variegado, que sustentam a altissima abobada do templo, e a galaria tão formosa dos bellos quadros colossaes de Vasco; e porventura a admirar os olhos arteiros de alguma freira, que se insinuam por entre as rotulas, bellos eternissimos, como sohem de ser os das tão gabadas lindezas d'aquella terra.

E a cantiga do negro? — Ei-la abi.

Bandolim, porque gemes saudoso
Sob as mãos do infeliz trovador?
Minha dextra, minha alma estão negras,
Só me cumpre entoar minha dor.

Nas areias da Lybia torradas
Tambem brotam florinhas viçosas;
E na plaga das ondas batida,
Entre o musgo despontam as rozas.

Malfadada a rozinha das vagas
Se os tufões a açoutarem de perto!
Pobresinha da flor das areias
Se lhe o vento bateu do deserto!

Bandolim, porque gemes saudoso
Sob as mãos do infeliz trovador?
Minha dextra, minha alma estão negras,
Só me cumpre entoar minha dor.

Nossa vida, qual ermo, qual plaga,
Desabroxa tambem n'uma flor;
Ameniza cruezas do peito
A rozinha fagueira do amor.

Malfadada tambem d'essa roza,
Se lhe o vento bateu da indif'rença;
Pobresinha, que perde nessa hora
Sua fé, sua lei, sua crença.

Bandolim, porque gemes saudoso
Sob as mãos do infeliz trovador?
Minha dextra, minha alma estão negras,
Só me cumpre entoar minha dor.

Eu tomei no sertão meus amores,
No sertão meus amores deixei;
O reflexo infavel dos anjos
Tão depressa morrer não cuidei.

O vazio, que tenho no peito,

Já no mundo ninguem póde encher;
Té me faltam leões do deserto,
Poderia mais breve morrer.

Bandolim, porque gemes saudoso
Sob as mãos do infeliz trovador?
Minha dextra, minha alma estão negras,
Só me cumpre entoar minha dor.

III.

Dias depois fallou dest'arte a castelan a seu marido: « Senhor consorte, haveis de consentir que eu « tome para mim este donzel negro, que sobrema- « neira me aprazem os seus modos cortezes, o seu « melancolico parecer, e as suas apaixonadas can- « ções; e quero que de hoje em diante me siga e « acompanhe.» E assim foi, porque o pagem negro desde esse dia foi mais fiel que doguesinho felpudo de regaço em acompanhar para toda a parte a sombra da gentil castelan, e de seu esposo.

E ás vezes quando acabava a sua cantiga, e os dois consortes, que abraçados a haviam escutado, chegavam e uniam mui ternamente os labios um ao outro com um voluptuoso lampejo de ventura, via-se-lhe então deslizar um grossa perola por cima da azevichada pelle das faces.—O senhor tambem durante a cantiga tinha seus instantes de melancolicos pensamentos.

O castelão era o cavalleiro D. Jaime, que remorsos e lembranças de provectoros tempos houveram desgostado de Lisboa.—A castelan era a turca baptisada.

E que feito será de D. Leucadia?—O pagem negro conhecia mui de perto aquella dama.

(Concluir-se-ha).
J. F. de Serpa.

Meditações ou discursos religiosos pelo Sr. Conselheiro José Joaquim Rodrigues de Bastos — 3.ª edição mui nitida na impressão nacional.

Esta obra, importante pelos seus ponderosos assumptos, inspirada pela fé, repassada d' affectuosos sentimentos, escripta em estylo ameno e fluente, deve ser considerada como um dos ornamentos da nossa moderna litteratura; é um brado eloquente a favor da religião, da moral e da justiça; só lida poderá ser bem avaliada, então se conhecerá que nenhuma consideração ou impulso estranho á verdade nos move a inculcá-la como um dos livros mais uteis, que no presente seculo se tem escripto em Portugal, sendo ao mesmo tempo de leitura mui agradável. Ahi apparece o sentimento religioso considerado como elemento unico da moral; o *atheismo* e o *racionalismo* são julgados como merecem; o *indifferentismo* é combatido victoriosamente; mostra-se a sublimidade e pureza do amor de Deus, e como consequencia d'elle o amor do proximo, luzeiro de benigna influencia neste mundo de miserias; definem-se e caracterizam-se a justiça e injustiça; pintam-se as desastrosas consequencias da maledicencia e calumnia; descreve-se a virtude da esperanza como fonte de consolações nesta vida, e guia segura para a vida eterna; o suicidio é repellido pelas idéas religiosas. Em summa os vicios apparecem hediondos e são combatidos nesta obra excellente, e as virtudes ostentam-se com seu legitimo brilho, e são fervorosamente recommendadas.